

*Entretanto, não temas. Luta e segue...
Alguém te escuta e vê a presença sofrida,
Resguardando-te a fé e amparando-te a vida,
Doando-te consolo, paz e luz.
Chora, sem atirar-te ao desespero,
Tolera a própria dor, por mais estranha,
No apoio desse alguém que te acompanha,
Que esse alguém é Jesus.*

Sonho e vida

*Aquele solo agreste era o lugar remoto
Onde vivia a sós o anônimo devoto.*

*Jovem ainda, ele presenciara
A cena que jamais olvidaria:
O pai apunhalado em agonia
Ante o vizinho que o aniquilara
Por mínima questão
De terra, muro, água e plantação...
Depois disso, afirmou no vilarejo
Que todo o seu desejo
Era buscar Jesus, sem sombras, sem perigos
E consagrar-se ao Mestre, inteiramente.
Não lhe valeram rogos de carinho
Da família que o viu mudado, de repente,
Declarava querer o seu próprio caminho
E partir com destino ignorado...
Avançou e avançou por regiões distantes,
Até que se instalou num bosque descampado
Que pagou a dinheiro de contado...*

*A não ser velho servo surdo e mudo
Que lhe servia a mesa
E lhe prestava auxílio em quase tudo,
Ninguém mais o avistara, ninguém mais.
Vivia em prece pelos matagais
E através do silêncio
Na paisagem formada em verdura e beleza,
Dava-se, vez em vez, à Natureza,
Plantando flores, quanto às quais dizia
Serem todas ofertadas ao Senhor,
A quem se devotara pleno de alegria
E profundo fervor.*

*Nas orações de cada dia,
após entretecê-las,
Fitava o céu da noite, esmaltado de estrelas
E falava, em voz alta, implorando a Jesus:
— “Revela-me, Senhor,
Seja onde for e seja com quem for,
A tarefa que eu deva realizar!...
Tudo quanto desejo é te honorificar,
Em mim, tua vontade é um santo compromisso,
Dá-me teu plano, engaja-me em serviço!...”*

*O Tempo desfolhou vinte nove janeiros.
O devoto, porém, vivendo solitário,
Nunca mais consultou o calendário.
Dia-a-dia, o silêncio, a quietude e a oração
Em que pedia aos Céus qualquer indicação
Do trabalho a fazer,
Que aceitaria, enfim, por sagrado dever...*

*Certa noite, no entanto, ele se viu em sonho
Encantado e risonho,
Numa ilha de paz, no mar do firmamento;
Espantado, ele viu, piedoso e atento,
Que Jesus vinhavê-lo...
Ergue-se para ouvi-lo em recatado zelo
E eis que o Mestre lhe diz confiante e amigo:
— “Filho, regressa ao lar, terás boje contigo
O encargo que pediste em oração...
Um companheiro, em vasta provação,
Virá pedir-te amparo e socorro em meu nome;
É um pobre delinquente
Que tem pago no mundo, asperamente,
Os erros dos momentos de loucura.
Já sofreu menosprezo, abandono, assalto, desventura...
Hoje, é mendigo, um réprobo que erra
Nas veredas de lágrimas da Terra,
Sem meios de vencer a luta que o consome;
Dá-lhe de teu amor, na bênção de teu pão,
Ele te rogará consolo ao coração;
Mesmo em havendo empeço, ajuda-o mesmo assim,
Faze isso, meu filho, em memória de mim...”*

*Reconheceu em Cristo a presença da Lei,
O devoto, extasiado e reverente,
Respondeu, claramente:
— “Obrigado, Senhor!... Assim farei...”*

*Nisso, ele volta ao corpo... Enlevado, desperta.
Manhã clara. Ouve alguém, batendo à porta,
Num choro que o agita e desconforta
Na morada deserta...
Recordando a visão do sonho iluminado,
Ergue-se, estremunhado,
Lembra Jesus com desvelado amor
E pergunta a si mesmo
Quem o procuraria
No amanhecer daquele dia,
Com tanta gritaria e tanta dor...*

*Atônito, ele sai
E encontra no infeliz, sem rumo e sem caminho,
O antigo desafeto, o impiedoso vizinho
Que lhe amargara a vida e lhe arrasara o pai.*

Cantiga da tolerância

*Quem diz que o verbo se vai,
Qual sol vazio no vento,
Não mostra o espírito atento
Ao que se pensa e se diz;
Mormente agora, na Terra,
Em transição apressada,
A frase rude na estrada
Invoca a treva infeliz.*

*Anota: às vezes, em casa,
Por simples questão, à-toa
Vem a injúria que atordoa,
Partindo para a agressão;
Duras mágoas do passado,
Remexidas de repente,
Parecem bombas da mente,
De explosão para explosão.*